O APAGAMENTO DO [D] EM GERÚNDIOS NO FALAR DE CAXIAS – MA

Antônio Luiz Alencar Miranda[1]

Bianca Pereira de Sousa [2]

Adriele Lorrane Alves dos Santos[3]

INTRODUÇÃO

A língua é um fenômeno em constante transformação, impulsionado por fatores históricos, sociais, culturais e pelas interações comunicativas dos falantes ao longo do tempo. Como afirma Bagno (2007), a diversidade linguística reflete a pluralidade de culturas e grupos que coexistem em uma mesma sociedade, de modo que a estrutura da língua possibilita aos seus usuários reconhecerem o que é ou não adequado em determinado contexto de fala, ainda que existam múltiplas maneiras de expressar uma mesma ideia. Para Labov (2008), assim como para Lucchesi e Araújo (2021), as línguas variam naturalmente, sendo essa variação um espelho fiel das diferenças sociais que organizam e distinguem os grupos humanos. Nessa perspectiva, a variação não é um desvio, mas uma propriedade constitutiva da linguagem.

Segundo Meillet (1906), a língua é uma instituição social, de modo que o único elemento variável ao qual se pode recorrer para explicar a mudança linguística é a própria transformação da sociedade. Nessa perspectiva, a variação não deve ser compreendida como um defeito ou imperfeição do sistema, mas como uma característica estrutural e funcional inerente à linguagem humana. Tal variação pode desencadear mudanças linguísticas progressivas, quando uma variante passa a substituir outra de modo sistemático; porém, nem toda variação resulta em mudança, pois muitas vezes ela representa um fenômeno estável, em equilíbrio dinâmico no interior do sistema da comunidade de fala.

No âmbito da Sociolinguística Variacionista, o interesse analítico recai precisamente sobre as comunidades de fala em que a língua varia em função de fatores linguísticos e sociais. Como argumenta Calvet (2002), a língua não é um objeto homogêneo e estático, mas um espaço dinâmico de interações sociais e identitárias, permeado por relações de poder e por processos de inclusão e exclusão simbólica. Para Bortoni-Ricardo (2004), as diferentes formas de falar presentes em cada região revelam a identidade cultural dos grupos que ali vivem, expressas nos dialetos regionais, os quais possuem formas próprias sem que isso comprometa a comunicação entre falantes de diferentes áreas do país. A diversidade dialetal, portanto, é um patrimônio cultural a ser descrito e valorizado, não corrigido ou suprimido.

Um dos fenômenos recorrentes no português brasileiro coloquial é o apagamento do fonema /d/ na terminação dos verbos no gerúndio, resultando em formas como “falano” (em vez de “falando”) e “correno” (em vez de “correndo”). Esse processo de redução fonética é influenciado tanto por fatores internos à língua, como o contexto fonético-fonológico adjacente, quanto por fatores externos, como a idade, o gênero e o nível de escolaridade dos falantes (Bortoni-Ricardo, 2004; Oliveira e Silva, 2020). A interação entre essas duas dimensões de condicionamento é justamente o que torna a variação linguística um objeto de estudo complexo e socialmente significativo.

1 Doutor em Linguística – UFRJ. Mestre em Letras – UFRJ. Professor Associado da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/ Campus Caxias. E-mail: antoniomiranda@professor.uema.br

2 Discente em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Bolsista PIBIC/UEMA. E-mail: bianca.pdsousa@gmail.com

3 Discente em Letras Licenciatura Em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas literaturas. Bolsista PIBIC/FAPEMA. E-mail: adrielesantos2487@gmail.com

No falar caxiense, essa característica pode ser percebida com naturalidade em expressões cotidianas como “Estou fazeno isso” ou “Ele está correno rápido». Embora amplamente empregada no vernáculo, a forma reduzida é frequentemente estigmatizada por se afastar da norma culta prescrita pelos compêndios gramaticais. Mollica (2010) aponta que o preconceito linguístico ainda predomina nas práticas pedagógicas que adotam perspectivas maniqueístas de certo e errado, desconsiderando a legitimidade e a sistematicidade das variedades populares. Tal atitude acaba por reproduzir desigualdades sociais no espaço escolar, ao punir simbolicamente falantes que dominam plenamente a língua em sua modalidade oral vernacular.

Diante desse quadro, Coelho (2015, p. 16) define a variação como “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Essa variação é fundamental para a dinâmica linguística, pois constitui uma das principais forças motrizes por trás das mudanças históricas das línguas. Segundo o autor, os condicionadores linguísticos, ou internos, e os extralinguísticos, ou externos, atuam sobre as variantes, determinando os contextos em que cada forma tende a ocorrer com maior ou menor frequência. A análise sistemática desses condicionadores é, portanto, o caminho metodológico central para a compreensão da variação.

Nesse sentido, esta pesquisa, vinculada ao projeto Atitudes Linguísticas dos Falantes no Maranhão (ALFMA), coordenado por Miranda (2016), investiga o apagamento do /d/ em verbos no gerúndio no falar da cidade de Caxias, no estado do Maranhão. Os objetivos específicos são: identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam esse fenômeno; descrever o comportamento das variantes em relação às diferentes faixas sociais da comunidade; e verificar se o apagamento representa uma variação estável ou um processo de mudança em curso. O estudo contribui para a compreensão do falar regional e para a valorização da diversidade linguística brasileira, tendo em vista que ainda são escassos os trabalhos que descrevem sistematicamente fenômenos variacionistas no Maranhão, especialmente em municípios do interior do estado.

O gerúndio é uma forma nominal do verbo que, em português, se caracteriza pela terminação –ndo, como em “cantando”, “correndo” e “partindo”. Essa forma é amplamente empregada em construções perifrásticas (estar + gerúndio) e em adjuntos adverbiais, sendo, por isso, muito frequente na língua falada cotidiana. Exatamente essa alta frequência de uso faz do gerúndio um ambiente propício para a ocorrência de processos de redução fonética, como o apagamento do /d/.

O apagamento do /d/ nas terminações de gerúndio é um fenômeno documentado em diversas variedades do português brasileiro, resultando na alternância entre as formas –ndo e –no. Pesquisas realizadas em comunidades de diferentes regiões do país indicam que a variante reduzida –no é amplamente empregada na fala cotidiana, especialmente em contextos informais e entre falantes de menor escolaridade. Estudos como os de Bortoni-Ricardo (2004) e Ferreira e Tenani (2012) enfatizam que o contexto fonético adjacente e os fatores sociais interagem de forma complexa na determinação da variante preferida. Trata-se, portanto, de um fenômeno que ultrapassa a dimensão puramente fonética, inserindo-se em uma rede de significações socioidentitárias que atribuem valores distintos a cada forma.

Do ponto de vista articulatório, o apagamento do /d/ pode ser explicado pela simplificação do grupo consonantal resultante: a sequência [nd] em posição de coda silábica tende a ser reduzida, especialmente quando a consoante /d/ ocorre após vogais abertas, que facilitam a transição para a supressão do segmento. Esse processo, denominado redução fonética ou lenição consonantal, é típico das línguas naturais e reflete a tendência universal de simplificação articulatória nas situações de fala espontânea (Labov, 2008). Em termos fonotáticos, a neutralização de contrastes em posições menos proeminentes da sílaba é recorrente nas línguas do mundo, e o gerúndio do português oferece exatamente esse ambiente propício à variação.

No contexto maranhense, e especificamente no falar de Caxias, estudos anteriores indicam a presença marcante de fenômenos variacionistas estreitamente relacionados à identidade cultural e regional dos falantes. O projeto ALFMA (Miranda, 2016), que fornece

o corpus para este estudo, representa um passo fundamental na documentação sistemática dessas variedades, ainda pouco descritas na literatura sociolinguística brasileira. Ao ampliar o conhecimento sobre o português maranhense, contribui-se para uma visão mais abrangente e plural da diversidade linguística do Brasil.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza quantitativa, de caráter descritivo e se fundamenta no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, cujos princípios foram propostos por Labov e amplamente sistematizados por Tarallo (1985), Mollica (2010) e Coelho (2015), entre outros. A opção pela abordagem quantitativa justifica-se pela necessidade de articular a descrição quantitativa dos dados, que permite identificar tendências e pesos relativos, com a interpretação qualitativa dos condicionamentos sociais e linguísticos, que confere sentido e contextualização aos números obtidos.

O primeiro momento correspondeu a uma revisão bibliográfica acerca da variação linguística, fundamentada em autores que tratam das dimensões sociais e estruturais da língua. Foram consultadas obras de referência como Bechara (2005), Mollica e Mattos (1992), Costa (2009), Ferreira (2010), Vieira (2011), Naro e Scherre (2007) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), entre outros. Essa etapa foi essencial para situar o fenômeno estudado aos estudos variacionistas e para fundamentar as hipóteses que orientaram a análise dos dados.

Corpus e amostra

O corpus utilizado é proveniente do banco de dados do projeto Atitudes Linguísticas dos Falantes no Maranhão (ALFMA), coordenado por Miranda (2016), composto por 72 entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes da zona urbana de Caxias. Para compor a amostra, foram estabelecidos critérios rigorosos de seleção: apenas falantes que nasceram na cidade ou que se mudaram até os sete anos de idade, não podendo ter permanecido ausentes por mais de cinco anos. Tais critérios asseguram a representatividade da variedade local e a validade dos dados para os objetivos do estudo, garantindo que os informantes sejam de fato portadores do vernáculo caxiense.

As entrevistas foram orientadas por 58 questões-guia de caráter aberto, abrangendo temas variados do cotidiano, com o objetivo de estimular a espontaneidade da fala. Segundo Tarallo (1985, p. 19), a coleta do vernáculo é alcançada quando o entrevistador consegue que o falante "esqueça que está sendo gravado e se envolva no diálogo, não se preocupando com a forma que expressa sua fala". Com as entrevistas analisadas, ficou evidente que a maioria dos falantes narra vivências pessoais e interage espontaneamente com o entrevistador, o que confirma a validade dos dados para a captura do vernáculo. Esse tipo de entrevista semidirigida é reconhecido como um dos instrumentos mais eficazes para a coleta de dados representativos da fala cotidiana, pois favorece a redução do paradoxo do observador, descrito por Labov (2008).

Os 72 informantes foram distribuídos de acordo com as seguintes variáveis sociais: sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 30 anos, 31 a 49 anos e 50 anos em diante) e escolaridade (Ensino Fundamental Menor, Ensino Fundamental Maior, Ensino Médio e Ensino Superior), garantindo a representatividade de diferentes perfis sociolinguísticos da comunidade.

Codificação e análise

O terceiro momento correspondeu à identificação, codificação e análise do fenômeno estudado. O apagamento do fonema /d/ nos sufixos de gerúndio foi pesquisado em todas as entrevistas, registrado e classificado de acordo com os condicionadores linguísticos e sociais previamente definidos.

Cada ocorrência foi codificada de acordo com cinco critérios: (i) a variante produzida, ou seja, a forma plena –ndo ou a forma reduzida –no; (ii) a vogal precedente, classificada entre /a/, /e/ ou /i/; (iii) o sexo do falante; (iv) a faixa etária; e (v) o nível de escolaridade. Após a codificação, os dados foram submetidos ao programa estatístico *Goldvarb X*, ferramenta fundamental nos estudos variacionistas que permite calcular os pesos relativos das variáveis e verificar quais condicionadores influenciam significativamente a aplicação da regra variável. Segundo Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005), o *Goldvarb X* representa um avanço metodológico ao possibilitar a análise multivariada de fenômenos linguísticos, identificando interações complexas entre fatores internos e externos.

Durante a análise multivariada, algumas variáveis independentes foram eliminadas do modelo estatístico no processo de *stepping down*, especificamente a faixa etária e outros agrupamentos que não apresentaram significância estatística. Esse procedimento assegura que o modelo estatístico final retenha apenas os condicionadores de fato relevantes para explicar o fenômeno no falar caxiense, conferindo robustez à interpretação dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das 72 entrevistas, totalizando 924 ocorrências de formas no gerúndio, os resultados revelam que o apagamento do /d/ é o fenômeno predominante no falar de Caxias. O *Goldvarb X* selecionou como condicionadores significativos a escolaridade, o sexo e o contexto fonético-fonológico precedente com vogal. A faixa etária não foi selecionada como estatisticamente significativa, sendo descartada na análise final.

Vale ressaltar também, do ponto de vista qualitativo, que verbos de altíssima frequência lexical no vernáculo, como estar (estando/tando), fazer (fazendo) e dizer (dizendo), apresentam forte suscetibilidade empírica à redução, acompanhando a tendência de que itens lexicais mais constantes no discurso oral sofram maior erosão fonética ao longo do tempo.

A Tabela 1 apresenta a distribuição geral das variantes, demonstrando a predominância do apagamento na comunidade estudada.

Tabela 1 – Frequência do apagamento do "d" em gerúndios no falar de Caxias – MA.

Variação	Aplicação	Total de Ocorrências	Frequência - %
Apagamento	634	924	68,6 %
Manutenção	290	924	31,4 %

Fonte: Miranda, Sousa, Santos, 2025.

Os dados evidenciam que a forma reduzida –no ocorre em 68,6% dos casos, enquanto a forma plena –ndo é mantida em apenas 31,4% das ocorrências. Esse resultado demonstra que, no vernáculo caxiense, o apagamento do /d/ é uma variante amplamente empregada e produtiva, o que por si só já reforça o princípio laboviano de que a língua é heterogênea e estruturada pela coexistência de variantes que circulam com valores sociais distintos. A predominância da forma reduzida não deve ser interpretada como um empobrecimento ou degradação da língua, mas como a expressão natural de um sistema linguístico em pleno funcionamento.

Como destaca Labov (2008), a língua não é uma entidade homogênea, mas um sistema variável que reflete as práticas sociais de seus falantes. A alta taxa de apagamento observada em Caxias corrobora estudos realizados em outras variedades do português brasileiro, nos quais a forma reduzida do gerúndio também se apresenta como predominante na fala espontânea, especialmente em contextos informais.

Na Sociolinguística Variacionista, as variáveis independentes são classificadas em dois grandes grupos: as linguísticas, também chamadas de internas, e as extralinguísticas, também

denominadas externas. As variáveis linguísticas referem-se a aspectos estruturais da língua, como o contexto fonético-fonológico adjacente, a classe morfológica da palavra e a posição do elemento variável na cadeia da fala. As variáveis extralinguísticas, por sua vez, envolvem características dos falantes e das situações de interação, como sexo e gênero, faixa etária, escolaridade e nível socioeconômico. A análise conjunta dessas duas dimensões é o que permite ao pesquisador identificar o peso relativo de cada condicionador sobre a variante estudada.

Variável social: sexo

A variável sexo tem sido amplamente estudada em pesquisas variacionistas ao redor do mundo, com resultados que indicam, de forma recorrente, que as mulheres tendem a empregar variantes de prestígio em maior proporção do que os homens. Labov (2008) explica esse comportamento pela maior pressão social exercida sobre as mulheres em relação ao uso de formas linguísticas consideradas "adequadas" e "cultas". Esse padrão, embora não universal, aparece em diversas comunidades de fala e sugere que o sexo é um fator socialmente construído que interfere nas escolhas linguísticas dos indivíduos. No Brasil, pesquisas em diferentes variedades do português têm confirmado essa tendência, mostrando que mulheres de distintas faixas etárias e níveis educacionais mostram maior sensibilidade às formas de prestígio.

O condicionador social sexo foi selecionado pelo *Goldvarb X* como variável significativa. Os resultados, apresentados na Tabela 2, indicam que os homens apresentam maior frequência de apagamento do que as mulheres.

Tabela 2 – Frequência do apagamento do "d" em gerúndios com a variável sexo.

Sexo	Aplicação	Total de Ocorrências	Frequência - %	Peso Relativo
masculino	302	457	70,6 %	.54
feminino	332	467	60,7 %	.44
Total		924		*Input* .706

Fonte: Miranda, Sousa, Santos, 2025.

Os falantes do sexo masculino registraram 302 ocorrências em 457 contextos possíveis, o que corresponde a 70,6%, com peso relativo de .54, indicando um favorecimento da regra variável. Entre as falantes do sexo feminino, foram observadas 332 ocorrências em 467 contextos, correspondendo a 60,7%, com peso relativo de .44, mostrando um ligeiro desfavorecimento do apagamento.

Esse padrão confirma observações recorrentes em estudos sociolinguísticos, segundo os quais as mulheres tendem a empregar variantes de prestígio em maior medida do que os homens (Labov, 2008). Tal comportamento pode ser explicado pela maior pressão social exercida sobre as mulheres em relação ao uso de formas linguísticas consideradas "adequadas" ou "cultas", bem como pela associação do prestígio linguístico à construção de identidade e status social. Essa tendência é resultado não de uma inclinação natural, mas de processos de socialização que atribuem às mulheres maior responsabilidade pela manutenção dos padrões normativos, tanto no âmbito doméstico quanto no espaço público.

O maior uso da variante reduzida pelos homens pode, igualmente, refletir uma postura mais informal ou marcada pelo vernáculo local, enquanto a manutenção da forma plena pelas mulheres pode indicar maior atenção a normas consideradas prestigiadas. Essa diferença, embora moderada, é estatisticamente relevante e indica que o sexo constitui um condicionador social importante na explicação da variação do gerúndio na comunidade caxiense.

Variável social: escolaridade

A escolaridade é apontada por Mollica (2010) como um dos condicionadores extralinguísticos mais relevantes na explicação da variação, pois o acesso à educação formal expõe o falante a normas institucionais e a formas prestigiadas, influenciando diretamente suas escolhas linguísticas. Em geral, falantes com maior grau de instrução tendem a empregar variantes conservadoras e associadas ao padrão culto, enquanto falantes com menor escolaridade fazem maior uso de variantes inovadoras ou populares. Esse processo reflete não apenas o aprendizado de formas específicas, mas também a internalização de valores e atitudes linguísticas que orientam os falantes em diferentes situações de interação. A escola, portanto, não ensina apenas gramática, mas também molda a percepção dos falantes sobre quais formas são socialmente valorizadas.

A escolaridade foi selecionada pelo *Goldvarb X* como o condicionador extralinguístico de maior significância neste estudo, confirmando a hipótese inicial. Os dados da Tabela 3 demonstram uma relação inversamente proporcional entre escolaridade e apagamento do /d/.

Tabela 3 – Frequência do apagamento do "d" em gerúndios com a variável escolaridade.

Escolaridade	Aplicação	Total de Ocorrências	Frequência - %	Peso Relativo
Ensino fundamental menor	177	205	86,3 %	.73
Ensino fundamental maior	145	192	75,5 %	.58
	190	285	66,7 %	.45
Ensino médio	122	242	50,4 %	.28
Ensino superior				
Total		924		*Input* .706

Fonte: Miranda, Sousa, Santos, 2025.

Os falantes com Ensino Fundamental Menor apresentaram a maior frequência de apagamento, com 86,3% das ocorrências e peso relativo de .73, indicando forte favorecimento da variante reduzida. Os falantes com Ensino Fundamental Maior também demonstraram tendência ao uso do apagamento, com 75,5% e peso relativo .58. Nos grupos com Ensino Médio e Ensino Superior, a frequência do apagamento decresce progressivamente: 66,7% (peso relativo .45) e 50,4% (peso relativo .28), respectivamente.

Essa tendência evidencia que, à medida que aumenta o nível de escolaridade, os falantes passam a preservar mais frequentemente a forma plena do gerúndio –ndo, aproximando-se do padrão culto. A relação inversa entre escolaridade e apagamento confirma que o ensino formal desempenha um papel direto na internalização e valorização de formas linguísticas conservadoras, atuando como mecanismo de socialização linguística que influencia escolhas morfológicas e fonológicas.

É importante observar, no entanto, que mesmo no grupo com Ensino Superior, o índice de apagamento atinge 50,4%. Esse dado revela que a escolaridade não inibe o fenômeno de forma absoluta. À luz do monitoramento estilístico laboviano, constata-se que falantes mais escolarizados também relaxam seu controle linguístico em situações de fala espontânea, fazendo uso da forma reduzida como marca de coloquialidade e naturalidade nas interações, ainda que em proporção menor que os grupos menos instruídos.

Conforme aponta Mollica (2010), as variantes prestigiadas, associadas à norma culta, são mais recorrentes em contextos formais de maior monitoramento. O dado também revela como a escola desempenha papel crucial na legitimação de padrões normativos, ainda que esses padrões convivam harmoniosamente com formas estigmatizadas no vernáculo cotidiano. Isso evidencia que a diglossia entre norma culta e vernáculo popular é uma realidade presente mesmo entre os falantes mais escolarizados, o que aponta para a vitalidade e o enraizamento do apagamento do /d/ no repertório linguístico da comunidade caxiense.

Variável linguística: contexto fonético-fonológico precedente

Além dos condicionadores sociais, o *Goldvarb X* também selecionou a variável linguística relativa ao contexto fonético-fonológico precedente com vogal. A Tabela 4 apresenta a distribuição do apagamento segundo a vogal que antecede o sufixo de gerúndio.

Tabela 4 – Frequência do apagamento do "d" em gerúndios com a variável linguística contexto fonético-fonológico precedente com vogal.

Vogal precedente	Aplicação	Total de Ocorrências	Frequência - %	Peso Relativo
A	402	565	71,2 %	.53
E	172	264	65,2 %	.44
I	60	95	63,2 %	.42
Total		924		*Input* .706

Fonte: Sousa, 2025.

Os dados mostram que o apagamento é mais frequente após a vogal /a/ (71,2%; peso relativo .53), seguido pelas vogais /e/ (65,2%; .44) e /i/ (63,2%; .42). A maior frequência de apagamento após a vogal /a/ pode ser explicada por questões articulatórias estruturais: por ser uma consoante oclusiva alveolar sonora, o /d/ exige um travamento no trato vocal. Vogais abertas e centrais como o /a/ maximizam a abertura da cavidade bucal, criando um contraste articulatório acentuado que favorece a lenição da consoante em fala contínua, facilitando a transição fluida para a redução do segmento.

Por outro lado, vogais mais fechadas, como o /i/, caracterizadas pela elevação da língua próxima à região palato-alveolar, compartilham traços e proximidade de ponto de articulação com a alveolar /d/. Isso oferece maior estabilidade articulatória ao complexo silábico, dificultando o apagamento da consoante.

Essa interação entre contexto fonético e articulação é coerente com o que Labov (2008) denomina fatores internos da língua, os quais atuam conjuntamente com fatores extralinguísticos para condicionar a variação. Ferreira e Tenani (2012) corroboram esse resultado ao destacar a importância do contexto fonético na neutralização ou fortalecimento de traços segmentais. Embora o efeito do contexto fonético-fonológico seja mais modesto em comparação com as variáveis sociais, sua seleção pelo *Goldvarb X* como condicionador significativo confirma que os fatores internos à língua também desempenham papel relevante na determinação das variantes. Isso reforça o caráter multidimensional da variação linguística, que nunca é determinada por um único fator, mas sempre pela interação de múltiplas forças linguísticas e sociais.

Variável social: faixa etária

A faixa etária é especialmente relevante para distinguir variações estáveis de mudanças em progresso. Quando os falantes mais jovens apresentam índices significativamente diferentes dos mais velhos, isso pode indicar que uma mudança está em curso na comunidade, com a forma inovadora sendo adotada pelas novas gerações. Quando as diferenças entre faixas etárias não são estatisticamente significativas, o fenômeno tende a ser interpretado como variação estável, em que as formas coexistem sem que uma substitua a outra (Naro e Scherre, 2007). Essa distinção metodológica é central para os estudos variacionistas, pois permite ao pesquisador compreender não apenas o estado atual da variação, mas também sua trajetória no tempo e seu significado para a dinâmica da mudança linguística.

A variável faixa etária, embora considerada na hipótese inicial como potencial condicionadora do apagamento, não foi selecionada como estatisticamente significativa pelo Goldvarb X, sendo descartada na análise final após o processo de *stepping down*. No tratamento preliminar dos dados, observou-se que os falantes mais jovens apresentavam índices ligeiramente mais elevados de apagamento, o que inicialmente poderia sugerir a adoção de formas inovadoras. Contudo, os resultados não apresentaram diferenças consistentes entre as três faixas etárias, e o peso relativo não alcançou significância estatística.

Dessa forma, a hipótese de que os jovens estariam liderando uma mudança linguística em curso não se confirmou. Esse resultado é revelador, pois indica que o apagamento do /d/ não pode ser interpretado como um processo inovador em propagação, mas como um fenômeno já estabilizado no repertório da comunidade. Naro e Scherre (2007) ressaltam justamente essa possibilidade: nem toda variação implica mudança em progresso, podendo muitas vezes tratar-se de uma variação estável, cristalizada no sistema linguístico de determinada comunidade. A ausência de estratificação etária significativa é, portanto, um dado positivo para a compreensão do fenômeno: ela indica que o apagamento do /d/ está distribuído de forma relativamente uniforme entre todas as gerações de falantes caxienses, confirmando a sua plena integração ao vernáculo local.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como propósito analisar a variação entre a manutenção e o apagamento do fonema /d/ na terminação –ndo dos verbos no gerúndio, no falar da comunidade de Caxias – MA, considerando fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam influenciar a escolha da variante. Partiu-se da hipótese de que a escolaridade seria o fator social mais determinante na preservação da forma conservadora –ndo e de que a faixa etária, sobretudo o grupo mais jovem, seria responsável pela inovação e possível propagação da variante reduzida –no, indicando um processo de mudança em curso. Além disso, admitiu-se a possibilidade de que fatores internos, ligados ao contexto fonético-fonológico, pudessem favorecer o apagamento.

Os resultados obtidos confirmaram parcialmente essas hipóteses, ao mesmo tempo em que trouxeram elementos novos para a compreensão da realidade sociolinguística caxiense. O apagamento do /d/ apresentou-se como fenômeno altamente produtivo, ocorrendo em 68,6% das 924 ocorrências analisadas, revelando que, no vernáculo caxiense, a forma reduzida constitui uma variante amplamente empregada no cotidiano dos falantes.

O *Goldvarb X* selecionou como condicionadores significativos a escolaridade, o sexo e o contexto fonético-fonológico precedente. A escolaridade despontou como o fator extralinguístico de maior significância: falantes com menor nível educacional apresentaram maior propensão ao apagamento (peso relativo .73 para o Ensino Fundamental Menor), enquanto aqueles com ensino superior tenderam a conservar o /d/ (peso relativo .28). O fato de os falantes com Ensino Superior ainda apresentarem mais de 50% de apagamento evidencia a descontração estilística e a vitalidade da regra.

O fator sexo também se mostrou relevante: os homens apresentaram índices mais altos

de apagamento (70,6%; peso relativo .54) do que as mulheres (60,7%; peso relativo .44). Esse padrão confirma observações recorrentes em estudos sociolinguísticos que apontam para a maior sensibilidade das mulheres às formas de prestígio (Labov, 2008). Em termos linguísticos, o contexto fonético-fonológico precedente à vogal /a/ exerceu maior favorecimento ao apagamento (peso relativo .53), indicando a influência da mecânica coarticulatória sobre a redução do fonema alveolar sonoro.

A variável faixa etária, por sua vez, não foi selecionada como estatisticamente significativa, o que indica que o apagamento do /d/ não representa uma mudança linguística em progresso, mas um traço estabilizado e amplamente disseminado na fala caxiense. Como ressaltam Naro e Scherre (2007), nem toda variação implica mudança; muitas vezes, trata-se de uma variação estável, cristalizada no sistema da comunidade.

Do ponto de vista social, os resultados reafirmam a existência de preconceito linguístico em torno das variantes não padrão. A forma reduzida –no, ainda que largamente empregada no vernáculo, é frequentemente estigmatizada por se afastar da norma culta, reproduzindo o binarismo simplista entre "certo" e "errado". Ao descrever e valorizar a legitimidade dessa forma de fala, esta pesquisa contribui para a desconstrução do preconceito linguístico e para o reconhecimento da diversidade brasileira como riqueza cultural, em consonância com os princípios defendidos por Bagno (2007) e Mollica (2010).

Em termos acadêmicos, a investigação preenche lacunas nos estudos sobre a fala maranhense, uma variedade ainda pouco explorada na literatura sociolinguística do Brasil. Ao analisar o apagamento do /d/ nos gerúndios, este trabalho não apenas documenta uma característica marcante da variedade local, mas também fornece subsídios para a compreensão das relações entre língua, identidade e sociedade na região. Reafirma-se, assim, a perspectiva laboviana de que a variação não é um defeito da língua, mas um de seus mecanismos fundamentais de funcionamento, por meio do qual os falantes ajustam seu repertório às múltiplas demandas sociais e comunicativas que enfrentam no cotidiano. Espera-se que este estudo sirva como ponto de partida para novas investigações sobre o português maranhense e sobre a diversidade sociolinguística do Norte e Nordeste do Brasil.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALVET, Louis-Jean. *História das políticas de linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COELHO, Ildevandro. *Variação e mudança linguística no português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. *Variação linguística*. [Local de publicação]: [Editora/ Periódico], 2021. [Inserir dados complementares]

FERREIRA, João; TENANI, Luciani. Condicionadores linguísticos e extralinguísticos na variação. *[Nome do Periódico]*, [Local], v. [X], n. [X], p. [X-X], 2012. [Inserir dados complementares]

LABOV, William. *Princípios da mudança linguística: fatores sociais*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

MEILLET, Antoine. Comment les mots changent de sens. *L'Année sociologique*, Paris, 1906.

MIRANDA, Antônio Luiz Alencar. *Atitudes Linguísticas dos Falantes no Maranhão – ALFMA*. Caxias: UEMA/CESC, 2016.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9–14.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Org.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 2006 [1968].